



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO**

MEMORIAL ACADÊMICO

AULUS MANDAGARÁ MARTINS

PELOTAS
2018

MEMORIAL ACADÊMICO

Apresentado à Universidade Federal de Pelotas
como parte dos requisitos para a promoção para
Professor Titular da Instituição.

AULUS MANDAGARÁ MARTINS

PELOTAS
2018

Para a Ana Cândida —

nem todo rio
vai dar no mar
assim com a gente
veio a calhar
rio noutro rio
eterna enchente

— e para o Gabriel.

Sumário

1. Onde tudo começa?	5
2. O começo.....	6
3. Uma interrupção impertinente, mas importante	6
4. De volta ao começo.....	7
5. “Que escapou a Aristóteles”	7
6. Conclusão edificante.....	8
7. Antes do começo propriamente dito	8
8. Portanto, lacunas, fios soltos	9
9. Um começo	10
10. O começo	10
11. Registre-se de passagem.....	11
12. Ah, sim, quase que me esquecia	11
13. No começo, ainda	12
14. “Um olho e seu brilho, uma voz e seu eco”	13
15. Uma grande lição.....	14
16. O mestrando e a Casa da Dinda	14
17. Poesia e fracasso	16
18. Primeiras aulas	16
19. Um quase lapso e uma polida correção	17
20. Enfim a Portaria.....	18
21. Reviravoltas e cabriolas	18
22. Em sala de aula.....	19
23. Machado de Assis, por certo	19
24. Certamente, Drummond.....	20
25. Aeroplanos da Birmânia	22
26. Os óculos do Rosa.....	23
27. Novos horizontes.....	24
28. Je suis un autre	24
29. A outra	25
30. Um claro movimento dispersivo	25

<i>31. Um grande balaio de gatos.....</i>	<i>26</i>
<i>32. Literatura e guerrilha.....</i>	<i>26</i>
<i>33. Uma voz dos cárceres</i>	<i>27</i>
<i>34. Outro grande balaio de gatos, mas desta vez um pouco menor.....</i>	<i>28</i>
<i>35. Os vermes e o jardim</i>	<i>28</i>
<i>36. O silêncio que nos ronda.....</i>	<i>29</i>
<i>37. Nas engrenagens da máquina burocrática</i>	<i>29</i>
<i>38. Preenchendo formulários e planilhas</i>	<i>30</i>
<i>39. Uma polêmica transição.....</i>	<i>32</i>
<i>40. Com as máquinas emperradas.....</i>	<i>32</i>
<i>41. Uma polêmica migração</i>	<i>33</i>
<i>42. Um bem-vindo estágio.....</i>	<i>34</i>
<i>43. Quase no final.....</i>	<i>35</i>
<i>44. O senão do memorial.....</i>	<i>35</i>
<i>45. O último capítulo.....</i>	<i>36</i>

Atravessar a obscuridade aclara.
Do rigor da ausência surge o sentido.
O que foi se renova e revém sob luz rara.
Viver inclui o que poderia ter sido.

Duda Machado (“Cartões-postais”, *Margem de uma onda*)

1. Onde tudo começa?

Claro que tudo começa pelo começo, responderá apressadamente quem nunca enfrentou a tarefa de narrar uma história, melhor dizendo, a história de sua vida. Entretanto, a dúvida por onde começar vem atormentando, talvez desde sempre, tanto narradores experientes quanto sem nenhuma experiência (ou fingidamente inexperientes) na complexa arte dos gêneros autobiográficos e das escritas de si. Tal é o caso de quem, em certo sentido, servirá de modelo para o presente memorial. Estou me referindo a Brás Cubas. Em suas *Memórias póstumas* (1881), hesitou se deveria colocar em primeiro lugar seu nascimento ou morte. Supondo que a prática mais vulgar fosse principiar pelo nascimento, ele, no desejo de “adotar diferente método”, optou por abrir suas memórias pela narrativa da morte. Por me faltar, felizmente, pelo um dos atributos do famoso defunto autor, me restaria a solução mais fácil e óbvia, a de começar pelo meu nascimento. Mas eis que aqui uma dúvida me assalta: qual a relevância do pimpolhão nascido com quatro quilos e oitocentos gramas, segundo fidedigno depoimento, na (assim imagino) pacata cidade de Três Passos, ao norte do Estado do Rio Grande do Sul, sob o signo de capricórnio, aos dezoitos dias do mês de janeiro de mil novecentos e sessenta e seis, numa tarde, ao que consta,

extremamente quente? O velho Brás Cubas não teve nenhum constrangimento, depois de relatar as circunstâncias de sua morte e funeral, e de fornecer inúmeras outras informações mais ou menos relevantes sobre seus antepassados, de narrar o dia em que na árvore da família “brotou uma graciosa flor”. De minha parte, continuo desconfiando de que não será nada fácil escrever este memorial.

2. O começo

Para a sorte do tão raro quanto distinto leitor do memorial, não se trata de começar pelo pimpolhão gordinho, pois minha narrativa não pertence ao gênero memorialístico adotado por Brás Cubas. Entretanto, o problema que enfrento também foi enfrentado por ele — narrar o passado. A tarefa exige, de alguma maneira, conferir sentido à experiência vivida, amarrando fatos e eventos dispersos numa espécie de ilusória causalidade, uma construída unidade que apenas existe na narrativa, nunca fora dela. Diferentemente das memórias de Brás Cubas, meu relato possui um recorte e um propósito bem precisos, configurando um gênero específico que se convencionou chamar de Memorial Acadêmico. O recorte temporal é, pois, a vida acadêmica, e o propósito, a promoção para Professor Titular na carreira no magistério na Universidade Federal de Pelotas. Desse modo, minhas memórias não póstumas nada têm a ver com as do Brás Cubas. Recorte temporal e propósitos tão distantes, estruturas narrativas tão diversas e... e...

3. Uma interrupção impertinente, mas importante

... e, aliás, percebo, agora, querido leitor, que não estou tão distante e não sou tão diverso assim do Brás Cubas: a promoção para Professor Titular, o meu “emplasto”.

4. De volta ao começo

Se a narrativa da vida acadêmica nos livra, seguramente, do pimpolhão, uma vez que, por mais simpático que fosse, ainda não poderíamos suspeitá-lo, salvo talvez por uma acurada análise da carta natal, um professor universitário de literatura, não me livra, todavia, da dúvida do começo. Onde inicia exatamente a “vida acadêmica”? Pergunta retórica, a que estou, já por algumas linhas, tentando, retoricamente, responder. Mais um ponto para o velho Brás, que desconfiava dos procedimentos vulgares e optava sempre por “diferente método”. Não será nada fácil escrever o memorial, não nos custa nada nos acostumarmos com a ideia.

5. “Que escapou a Aristóteles”

Como não passou pela douda cabeça de Aristóteles a definição do gênero Memorial Acadêmico, saí em busca de uma solução para o meu problema narrativo, a pergunta retórica que está me empacando desde a primeira linha. Todas as memórias lidas por mim, percebo agora, ou não atendem ao qualificativo “acadêmico” ou sequer memórias são, no sentido mais corriqueiro do termo, quer dizer, o relato da vida de alguém “de verdade”. Muito interessante isto: as melhores memórias escritas não passam de peças de ficção — como as já aludidas *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, *Em busca do tempo perdido* (1913-1927), de Marcel Proust, *São Bernardo* (1934), de Graciliano Ramos. De qualquer modo, procura aqui, procura ali, encontrei uma resposta no lugar mais insuspeito possível: a burocracia institucional. A Resolução nº 15, de 26 de maio de 2014, “dispõe sobre a Promoção para a Classe E, com denominação de Professor Titular, da Carreira do Magistério Superior Classe Titular” no âmbito da UFPel, e define o gênero, no segundo parágrafo de seu artigo primeiro, mais ou menos aristotelicamente, da seguinte maneira: “Por Memorial Acadêmico entende-se um documento autobiográfico que descreve, quantifica, analisa e qualifica os acontecimentos, marcos e fatos

da trajetória acadêmica do docente, devendo levar em consideração as atividades de ensino, pesquisa, extensão, gestão acadêmica e produção profissional relevante”.

6. Conclusão edificante

Descartada, pois, a ficção. Ah, Proust, que falta fazes! Bons tempos aqueles em que bastava uma xícara de chá de tília com *madeleines* e toda uma vida à disposição para escrever, para que fizessem surgir, involuntariamente, toda a experiência vivida evocada, imagem por imagem, pela sugestão de um sabor, de um cheiro qualquer. Outros tempos agora, nos quais a trajetória se comprime nas listagens exigidas pela burocracia institucional. Mas vamos lá, ainda tenho um emplasto para me salvar.

7. Antes do começo propriamente dito

Todo mundo tem a sua Combray ou a sua Itabira, da qual sequer restou um retrato pendurado na parede. A minha funde-se e confunde-se nas quatro cidades em que morei na infância e no início da adolescência (Três Passos, Palmeira das Missões, Frederico Westphalen e Jaguarão), até mudar-me com a família para Pelotas, um ano antes de ingressar no Curso de Letras. Se menciono os anos da infância e adolescência neste Memorial Acadêmico é porque julgo que se espera de um professor de literatura algumas palavras sobre como a experiência com a literatura atravessa sua vida, para alguém ou além das obrigações profissionais impostas pela vida acadêmica. De fato, é preciso dizer algumas palavras, mesmo correndo o risco de cometer o mais flagrante dos clichês dos memoriais cada vez mais exigidos pelas universidades brasileiras. Não menosprezo o clichê, pelo contrário. O que seríamos sem os clichês? Acredito ter sido Umberto Eco que, ao destacar a importância de tais estruturas e temas recorrentes, afirmou ser impensável um filme sobre a Segunda Guerra

sem um avião em chamas se precipitando contra o oceano. O clichê, entretanto, não seria o maior dos pecados. Há ainda o perigo de se cair na armadilha das falsas memórias, não sabendo discernir, depois de tantos anos, o que realmente aconteceu do simplesmente imaginado e incorporado à experiência. Nada demais para quem leu Proust, os poemas memorialísticos de Drummond ou até mesmo autobiografias mais convencionais, em que o autor sempre se enreda em suas memórias, na fronteira porosa entre o fato e a ficção... Mas fariam parte de um Memorial Acadêmico as lembranças que deslizam entre a experiência propriamente dita e a imaginação, pensando sobretudo em sua definição institucional e burocrática, como acima reproduzido? Falando por mim, quem desde cedo vive em um mundo repleto de textos, sabe muito bem que se vive justamente em uma teia onde a ficção e a poesia se entrecruzam com a realidade, dissolvendo as linhas divisórias. Dizendo de outro modo, eu mesmo não passo de um texto entrelaçado entre tantos outros textos, conforme sugeriu Roland Barthes.

8. Portanto, lacunas, fios soltos

Esta narrativa é tecida de lacunas, recortes imprecisos, peças mal encaixadas, idas e vindas tortuosas, voltas e volutas, lembranças embaçadas, fios soltos. O sujeito que aqui se narra é inevitavelmente um sujeito que se assume nessa escrita. Desconfio de que o estilo aqui adotado não seria o mais adequado para um Memorial Acadêmico. Contudo, é a minha história que escrevo, é a minha história que me escreve. Se o estilo é o homem, não saberia fazer de outra maneira — e tenho certeza de que esse modo de ser e pensar me define academicamente, para o bem ou para o mal.

9. Um começo

Nasci em uma família modesta, com raros livros. As primeiras lembranças da presença de livros remontam a um tio meio quixotesco que tinha grossos e velhos livros em alemão de medicina, não sendo médico e não dominando o idioma. Havia, claro, algo de mágico naquelas páginas incompreensíveis. Um transbordamento do sujeito, outras vidas, o significado fugidio das palavras. As paixões começam assim, como “o rato que sai dum burquinho”, de acordo com Guimarães Rosa, e logo em seguida se percebe, “é um ratazão, é um tigre leão!”. Não vem ao caso detalhar as dificuldades de acesso ao livro, morando em cidades tão pequenas, no seio de uma família tão modesta. Contudo, sempre contei com a generosidade de meus pais. De uma forma ou de outra, os livros chegavam. Certamente viam no interesse por livros algo de genuíno e que deveria, dentro das condições apresentadas, ser estimulado. Quando me dei conta, já tinha lido mais livros do que qualquer outra pessoa conhecida — e a maior “biblioteca” particular jamais imaginada. As leituras eram conduzidas ao sabor dos ventos, fruto de meras causalidades, daquelas coincidências sem sentido nenhum, nas quais teimamos em perceber um sentido, quando melhor seria deixar assim, sem nenhum sentido, pois esse é o sentido das coisas. Passava de Agatha Christie a Jorge Amado sem nenhum pudor — e por que haveria de se ter pudor? Mas também ainda fruto dessas causalidades comecei a ler os clássicos, antigos e modernos, bem cedo. Dostoievski, Cervantes, Machado de Assis, Franz Kafka, Gabriel Garcia Márquez, Clarice Lispector, Stendhal. Alguns desses autores estrangeiros, descobri depois, vinham estropiados em traduções ou adaptações duvidosas. E achava uma tremenda injustiça Morris West jamais ter ganho o Prêmio Nobel de Literatura...

10. O começo

O começo — agora sim “o começo” — com o peso do artigo definido, dos fatos e eventos precisos no calendário oficial e documentados nos arquivos

institucionais — da vida acadêmica localiza-se no primeiro dia em que entrei em uma sala de aula do Curso de Licenciatura em Letras — Habilitação Português/Francês, em uma tarde, provavelmente no mês de março, de 1985. Era a segunda turma do curso, cuja primeira oferta tinha ocorrido um semestre antes. Para ser verdadeiro e sincero (lembrando os preceitos básicos de toda autobiografia digna de credibilidade, segundo preconiza Rousseau em suas *Confissões*), não guardo nenhuma lembrança daquele dia, que certamente foi tumultuado com tantas descobertas, tantas pessoas e ambientes novos. Tampouco me dou ao trabalho de buscar nos arquivos a informação, o dia exato, a disciplina e o professor da aula inaugural. Que péssimo memorialista me revelo! No entanto, o parente descaso com datas e detalhes pode significar o registro na memória de uma impressão não menos tocante ou importante do que a lembrança precisa e pontual. Uma viva impressão, diria, e isso pode parecer paradoxal. A lacuna da memória é preenchida justamente por essa impressão, vaga e difusa, mas, sim, viva. Nada mais tenho para registrar esse dia, esse começo. A minha precária xícara de chá de tília.

11. Registre-se de passagem

Hoje lamento não ter tido uma consciência mais política daquele evento. O primeiro da minha estirpe a colocar os pés numa instituição de ensino superior para dali sair, quatro anos depois, com um diploma na mão. Uma nota pessoal, talvez um pouco deslocada dos objetivos e finalidades deste memorial, mas digna de registro, quanto mais não seja para me redimir, trinta anos depois, de minha juvenil e alienada desatenção.

12. Ah, sim, quase que me esquecia

Quase que me esquecia de esclarecer o motivo pelo qual *As memórias póstumas de Brás Cubas* fornecem o modelo deste Memorial Acadêmico. Caso

ainda não tenha ficado claro, não é tanto pelo fato de ser uma obra ficcional, o que, para um professor de literatura, viria melhor a calhar. Para todos os efeitos, sigo as disposições burocráticas que tratam do assunto — o fio condutor do memorial é o Lattes, e não o chá de tília com *madeleines*, por mais que, hipoteticamente, me desagrade. Tampouco a póstuma ironia que a tudo e a todos corroía, desvelando o manto da hipocrisia a cobrir todas as relações e ações do personagem então vivo. Das memórias de Brás Cubas retiro duas grandes lições, sem as quais, confesso, não conseguiria escrever o memorial. A primeira: o sujeito não é uno; apresenta-se fragmentado, disperso, incompreensível, talvez volúvel, não se deixando apreender por fórmulas simplistas, por dados estatísticos, por listagens consoladoras. A segunda lição é a mais importante: esse sujeito escreve-se somente por meio de uma forma, também ela fragmentada, dispersa, incongruente, quem sabe até mirabolante, na qual o relato não pode mais ser linear, e se pulveriza em capítulos desconexos e sem sentido. Mencionei mais acima: não saberia fazer de outro modo. Assim como não se escreve uma vida em sua totalidade, de igual modo não se escreve uma parcela da vida, a vida acadêmica. Muita coisa ou quase tudo ficará de fora. Mesmo reduzida a uma parcela, ainda sim uma vida. Para todo o resto, podemos contar com o Lattes.

13. No começo, ainda

É importante mencionar que decidi fazer Letras por uma única razão: estudar literatura. A UFPel, à época, oferecia duas habilitações duplas: Português/Francês e Português/Inglês, e respectivas literaturas. No vestibular, tinha optado pela língua francesa simplesmente porque desejava ler no original alguns livros que já conhecia, como *O vermelho e o negro* (1830), de Stendhal, e *Memórias de Adriano* (1951), de Marguerite Yourcenar. Nunca trabalhei profissionalmente com o francês, mas nunca me arrependi dessa escolha. O País estava sacudido pela ressaca do movimento das *Diretas Já!*, que no ano anterior se alastrara Brasil afora. Era o ano em que Tancredo Neves assumiria

a Presidência da República. O primeiro civil a assumir o posto desde a Ditadura. Mesmo que eleito indiretamente, já era alguma coisa, uma espécie de quase vitória, uma transição talvez excessivamente “lenta e gradual” (para lembrar a expressão de um de nossos generais presidentes) do estado de exceção para a democracia. O Curso de Letras iniciava-se, pois, com a morte do presidente, a repercussão midiática desse episódio, e com a posse de um simpático porém desconhecido (ou desconhecido porém simpático, acho que dá na mesma) vice, a partir de então Presidente da República. O País avançava a passos lentos seu processo de redemocratização e eu definia meus rumos intelectuais e profissionais. Na altura, ainda não estava claro para mim que seria necessariamente um professor. Aliás, estava claro para mim que deveria ser professor de literatura, mas isso se localizava em um horizonte assaz distante, como talvez a completa redemocratização do País.

14. “Um olho e seu brilho, uma voz e seu eco”

Sempre digo aos meus alunos: aprende-se muito mais a ser professor observando nossos professores do que seguindo as disciplinas ditas de formação pedagógica, bem como as orientações e práticas de estágio. Afirmo isso sem a menor intenção de criticar os colegas responsáveis por essas disciplinas e práticas. Meu argumento é ingenuamente empírico. Se hoje sou professor é porque tive grandes professores no Curso de Letras. Se a vocação é um chamado, há por certo uma voz a cujo apelo aprendemos a escutar. Tive excelentes professores durante todo o Curso de Letras, mas deixo aqui o registro das três vozes que ainda escuto, me serviram e ainda hoje servem de modelo profissional, e cujos passos não desisti de seguir. Agradeço a Maria Laura Alves, Edith Barreto e João Manuel dos Santos Cunha, por suas aulas incríveis e inspiradoras, pela autêntica paixão ao conhecimento e ao magistério que sempre escutei deles. Afinal, de tudo “fica sempre uma franja de vida”, diz Drummond, no poema “Passagem do ano” (*A rosa do povo*, 1945) do qual retirei ainda os

versos do título deste pequeno porém incontornável capítulo de minhas memórias acadêmicas.

15. Uma grande lição

À Maria Laura devo ainda uma das observações mais importantes de minha vida acadêmica. Em que pese todos os esforços da mestra, nunca me imaginei um competente professor de língua francesa. Aqui, fui completamente surdo, *je suis désolé*. No último semestre do Curso de Letras, temia ser reprovado no estágio de língua francesa. Em uma das aulas ministradas durante o estágio, minha supervisora foi categórica: “Francês péssimo, aula excelente!”. Há pouco tempo, contei para ela a história. “Puxa vida, eu disse isso? Me desculpa”. Expliquei que não havia motivos para se desculpar. Na verdade, se duvidava se poderia ser um bom professor, aquela frase foi o empurrão necessário. “Aula excelente” — não é todo dia que se escuta isso de uma excelente professora, não é mesmo?

16. O mestrando e a Casa da Dinda

No mesmo ano em que Fernando Collor era empossado Presidente da República, o primeiro eleito democraticamente pelo voto popular desde a Ditadura Militar de 1964, entrei no Mestrado em Letras — Literatura Brasileira, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Lembro-me de que assisti, perplexo, assim como toda a população brasileira, pela televisão, em uma lanchonete do calçadão da Rua da Praia, ao anúncio do confisco da poupança. Enquanto o País tentava sobreviver a esse confisco, mas de alguma maneira enfeitiçado pela imagem, fortemente explorada pela televisão, de um Presidente jovem e arrojado, que andava de jet-ski, voava em avião de caça, praticava corridas matinais com um séquito de guarda-costas e repórteres, e a Casa da Dinda se transformava no umbigo da Nação — imagem que desabaria, logo

depois, em um tragicômico folhetim que articulava os velhos temas da rivalidade fraterna e da corrupção política, além de outros ingredientes, bem mais ao gosto popular, os quais não menciono aqui para não me desviar do escopo “acadêmico” do memorial —, tentava me concentrar naquilo que tinha me levado a Porto Alegre. Muita coisa para me ocupar. Uma disciplina a respeito do romance brasileiro do século XX, a de Literatura Comparada, outra acerca da obra Guimarães Rosa, exclusivamente dedicada ao *Grande sertão: veredas* (1956), outra dava conta dos romances e contos de Machado de Assis, outra abordava a poesia brasileira moderna, outra investia no sentido do trágico na literatura. Com tantas novas e interessantes perspectivas referentes à literatura, mantive-me fiel (com pequenas tentações, claro — Guimarães Rosa? Carlos Drummond?) à minha intenção original, que era a de escrever uma dissertação sobre poesia, em particular a João Cabral de Melo Neto. Intitulada “Lúcido lúdico: o poema de João Cabral de Melo Neto”, defendida em 1993, sob a orientação da professora Maria do Carmo Campo, a dissertação cumpria minha promessa. Detendo-me na análise sobretudo do poema narrativo “Fábula de Anfion” (*Psicologia da composição*, 1947) e alguns outros de *A educação pela pedra* (1966), refleti a propósito do aspecto cerebral da poética cabralina. Sempre admirei esse traço em João Cabral porque configura uma poesia à parte na tradição lírica brasileira, mais afeita ao sentimentalismo, à confissão lírica. Considerando o pensamento crítico do poeta francês Paul Valéry, exposto em ensaios tais como “Poesia e pensamento abstrato”, “Introdução ao método de Leonardo da Vinci” e “Questões de poesia”, defendi a posição de que o cerebralismo, antes de encerrar a atividade poética em regras pré-estabelecidas, abria o poema a inúmeras possibilidades criativas. Nesse contexto, utilizando-me da categoria de jogo (principalmente o estudo *Les jeux et les hommes*, de Roger Caillois), procurei demonstrar que as noções de “acaso” e “fracasso” são constituintes do projeto poético cabralino. Por outras palavras, o cerebralismo, em vez de assegurar a realização do poema, joga-o em um horizonte de incerteza, sempre ameaçado pelo fracasso.

17. Poesia e fracasso

Com olhar retrospectivo (e tão somente apoiado na memória, posto que não reli a dissertação para escrever essas lembranças), ainda gosto do que escrevi, apesar de reconhecer, por certo, os inúmeros problemas do texto, das análises dos poemas e da reflexão teórica, decorrente da imaturidade intelectual do jovem acadêmico. Desejo retomar a questão, pensando no fracasso como uma categoria importante para se entender a poesia moderna e contemporânea. A poesia, lida e estudada por poucas pessoas, parece-me ser um gesto eminentemente orientado para o fracasso. Qual o sentido de escrever um poema se se sabe de antemão que ele não terá importância nenhuma no mundo contemporâneo? Como se percebe, antecipo coisas ainda por fazer, um dia, talvez, em vez de contar aquelas já feitas. Retorno, pois, rapidinho, para o ponto das coisas já realizadas.

18. Primeiras aulas

Entre o mestrado e o doutorado, ingressei como professor substituto na UFPel. Quem conhece a realidade das universidades brasileiras, sabe muito bem o que é ser um professor substituto. Inúmeras disciplinas e turmas. Literatura Portuguesa — das cantigas d'amigo, d'escárnio e maldizer a Fernando Pessoa, não negligenciando Almeida Garrett e Eça de Queirós. Literatura Infanto-juvenil — Monteiro Lobato, Ziraldo, Ruth Rocha. Literatura Brasileira — da Carta de Caminha à (então) contemporaneidade. Francamente, não sei como preparava tantas aulas, com conteúdos tão variados, a sobrecarga toda de trabalho. De qualquer modo, guardo a lembrança (falsa?) de ter feito o trabalho mais ou menos direitinho. Era estimado pela maioria dos alunos, talvez nem tanto por minha atuação docente propriamente dita, mas por ser poucos anos mais velho do que eles. A grande lição do período pode ser assim resumida: estudar literatura como mestrando é uma coisa, dar aula de literatura, outra bem diferente. Das lembranças daquele ano e meio como professor substituto,

guardo a reprimenda de uma aluna. Ao distribuir e corrigir uma prova de Literatura Brasileira, uma aluna, que casualmente tinha recebido uma nota baixa, solicitou a palavra para fazer uma queixa quanto ao meu método de trabalho. Eu não estava passando todo o conteúdo da disciplina. Não tinha falado da literatura na Idade Média do Brasil, a exemplo do que um outro professor tinha feito com a literatura francesa. Confirmei, então, a hipótese: escrever uma dissertação é uma coisa, dar aula de literatura, outra, bem mais complicada. Hoje, quando me cabe ministrar a literatura do período colonial, para evitar futuras reprimendas, vou logo avisando: sim, pularei a Idade Média.

19. Um quase lapso e uma polida correção

Em meio a tantas digressões, quase me esqueço de contar que, antes de ser professor substituto na UFPel, fui professor de língua portuguesa na rede estadual de ensino. Uma experiência bem interessante, sobre a qual relato apenas dois eventos emblemáticos, do meu ponto de vista. Primeiro evento: era a época do calendário rotativo das escolas, anunciado como a panaceia que curaria o ensino público de todos os males pela Neusa Canabarro, a então todopoderosa Secretária de Educação no Governo do marido-governador Alceu Collares. Segundo evento: dava aula na Escola Estadual Presidente Castelo Branco, no município do Capão do Leão – na memória, a escola sempre se chamou General Castelo Branco. O nome da escola me incomodava bastante. Percebia naquela nomenclatura uma contradição de termos, um absurdo contrassenso entre os propósitos da educação pública com a “homenagem” ao General, ou seja, aquilo que o nome da escola pretendia manter da memória de nosso passado recente, justamente uma de suas páginas mais obscuras. Para amenizar a situação, anunciava aos quatro ventos que era professor da Escola Estadual Camilo Castelo Branco. Não é Camilo, me corrigiam polidamente, é Humberto de Alencar...

20. Enfim a Portaria

A Portaria nº 713, de 18 de julho de 1994, nomeou-me, em caráter efetivo, ao cargo de Professor Assistente Nível 1, habilitado em concurso público, livrando-me assim, em definitivo, da preocupação com o nome da escola em que trabalhava ou viria a trabalhar. Nunca imaginei que chegaria tão longe na minha carreira de professor.

21. Reviravoltas e cabriolas

Entrei no doutorado, em 1997, novamente na UFRGS, e tendo outra vez a Maria do Carmo como orientadora, com a sólida convicção de continuar meus estudos em João Cabral de Melo Neto. O projeto de pesquisa pretendia verificar uma possível vinculação da poesia de Cabral com o Barroco, sobretudo por sua vertente espanhola. Se no mestrado mantive a intenção original, agora, no doutorado, a teoria de Brás Cubas foi confirmada: a vida é cheia de reviravoltas, as ideias fazem mil cabriolas dentro de nossa cabeça. A coisa toda poderia ser resumida numa única frase: entrei em crise. O querido leitor e a querida leitora certamente já passaram por momentos de crise, e talvez conheçam a etimologia da palavra. Foi exatamente assim: um momento de mudança súbita. Graças à generosidade intelectual de minha orientadora, foi possível mudar de projeto. Que João Cabral que nada, Barroco qual o quê! Queria escrever um romance. Isto mesmo, leitor, um romance! À época, a escrita criativa ainda não tinha encontrado um lugar legítimo nas universidades brasileiras, embora fosse prática corrente, há décadas, nas universidades norte-americanas e europeias. Acho que o espírito brás-cubasiano de “adotar diferente método” sempre me acompanhou. Paralelamente, estava fazendo a oficina de criação literária do Assis Brasil e, claro, começou uma “vertigem de cabriolas”, nas palavras de meu memorialista predileto, e o projeto foi se delineando. Em 2002 (portanto, com um pequeno atraso, considerando os prazos estipulados pelas esferas autoproclamadas superiores), defendi a tese intitulada “Negro Bodoso: a poética

do insólito, a metamorfose e outras considerações sobre seu processo criativo”, um romance ou novelinha, seguida de comentários sobre o processo criativo, conforme facilmente se depreende. Fazendo uma tremenda salada de referências literárias (*A metamorfose*, de Franz Kafka, *O nome da rosa*, de Umberto Eco, e sabe-se lá mais o quê) e de perspectivas teóricas sobre a narrativa (narrador não confiável, narrativas encaixadas), era a história de um medíocre (sic!) professor universitário (sic!) em crise (sic!) com a vida acadêmica (sic!) e que decide, de forma pouca acadêmica, ligar o botão de dane-se (sic!). Como sempre me recusei a ler manuais de autoajuda, encontrei uma maneira de lidar com o impasse intelectual que estava vivendo.

22. Em sala de aula

A maior parte da vida de um professor está concentrada em sala de aula. Inúmeras disciplinas, incontáveis turmas no ensino de graduação ao longo desses anos. Como se trata aqui de “descrever, quantificar, analisar e qualificar os acontecimentos, marcos e fatos da trajetória acadêmica do docente”, e não sendo desejável uma mera listagem de disciplinas, detenho-me em apenas uma das que venho ministrando ultimamente, cuja ementa aberta propicia recortes programáticos e práticas pedagógicas mais interessantes: “Leituras Dirigidas: Autores e Obras”.

23. Machado de Assis, por certo

Para essa disciplina, em três ou quatro oportunidades, escolhi dar um curso sobre a obra de Machado de Assis. Na primeira oferta, em 2009, optei por selecionar a obra de Machado por um duplo recorte: por gênero narrativo e por eixos temáticos. Começamos pelos contos, agrupando-os pelos motivos e temas que julguei mais importantes, tais como a loucura (“O alienista”), o desempenho do papel social (“O espelho”, “Teoria do medalhão”, “Fulano”), as figurações do

amor e desejo (“Singular ocorrência”, “Missa do galo”, “Uns braços”, “A cartomante”), a escravidão (“Conto da vara”, “Pai contra mãe”), entre outros. Posteriormente, passamos aos cinco romances da chamada fase realista, procurando, além da análise dos contextos sociais e políticos e dos aspectos formais do romance machadiano, localizar em *Quincas Borba* (1891) e *Dom Casmurro* (1900), por exemplo, os temas e motivos trabalhados nos contos. Na segunda oferta da disciplina, em 2011, organizei a obra de Machado pela ordem cronológica de suas publicações, começando, pois, por *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), *Papéis avulsos* (1882) e *Histórias sem data* (1884), e assim por diante. A novidade da edição foi a inclusão de *Casa velha*, romance de Machado, publicado em *A Estação*, de 1885 a 1886, mas cuja data de escrita ainda é objeto de discussão da crítica. Por fim, na terceira e demais ofertas da disciplina, mantive a ordem cronológica. Dessa vez, contudo, excluí o romance *Casa velha* e incluí as crônicas machadianas, especificamente a série *Bons dias!* (publicada originalmente na *Gazeta de Notícias*, de 1888 a 1889, escritas no burburinho do debate da abolição da escravatura) e algumas crônicas de *A semana* (que saía todos os domingos na mesma *Gazeta de Notícias*, a partir de 1892 até 1900). Algo que sempre impressiona os alunos é a “política” machadiana, quer dizer, a acurada percepção do escritor carioca das questões de sua época, as quais, em grande medida, repercutem nas questões de nosso tempo. Procurava, em todas as edições da disciplina, desconstruir, por exemplo, a crítica segundo a qual Machado foi um escritor que não tratou do tema da escravidão. A leitura dos contos “O caso da vara” e “Pai contra mãe”, além das mencionadas crônicas, bastava para colocar os pingos nos is. Completava o percurso pedagógico da disciplina a leitura de alguns importantes machadianos: Alfredo Bosi, Roberto Schwarz, John Gledson, Sergio Rouanet.

24. Certamente, Drummond

Também venho me dedicando no ensino de graduação à obra do poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade, pelo menos em duas oportunidades. A

primeira oferta ocorreu em 2013. O conteúdo programático da disciplina era ambicioso: ler pelo menos um poema de cada livro de Drummond. Devido a circunstâncias adversas (acúmulo de feriados, paralisações da Universidade diante do contexto político), não foi possível realizar o planejado. Aliás, mesmo na ausência dessas circunstâncias, o conteúdo previsto era, de fato, bastante ambicioso e, reconheço agora, pouco pedagógico. De qualquer forma, segui a ordem cronológica dos livros de Drummond, analisando em sala de aula vários poemas de cada obra. É claro que alguns títulos da obra drummondiana solicitavam um cuidado mais atento, propiciavam um momento mais demorado. Nas análises dos poemas, procurava chamar a atenção para os aspectos formais e temáticos presentes na obra do poeta mineiro. Quanto aos aspectos ditos formais, mostrei aos alunos, ao longo do curso, a diversidade da poesia de Drummond, como, por exemplo, o uso do verso livre, em uma feição bastante próxima ao projeto modernista em seu livro de estreia, *Alguma poesia*, de 1930, e como o verso livre foi adquirindo uma dicção mais pessoal, em *A rosa do povo* (1945) ou na trilogia *Boitempo* (publicada a partir de 1968). Ainda quanto aos traços formais, destaquei que o poeta também se utilizou de formas mais clássicas, como é o caso dos poemas de *Claro enigma* (1951), em que o soneto e o verso decassílabo são recorrentes. Naturalmente essa questão formal não se resume na adoção do verso livre e do verso clássico. Em *Lição de coisas* (1962), manifestam-se outras preocupações formais, tais como um exercício mais voltado para a palavra, como se pode observar, entre tantos exemplos, no poema “Isso é aquilo”. Contudo, em que mais insistia, era nas “inquietações” drummondianas (para retomar a expressão de Antonio Candido). Trabalhando com o conceito de “autoria”, explicava que o nome Carlos Drummond de Andrade compreende diversas vozes poéticas, desde uma reflexão humorada da vida cotidiana (*Alguma poesia*), passando pela palavra participativa e comprometida com as questões sociais, políticas e históricas (*A rosa do povo*), uma reflexão mais filosófica da vida e da memória (*Claro enigma*), a memorialística centrada nas lembranças anedóticas (*Boitempo*), e assim por diante. Uma espécie de Fernando Pessoa, sem o recurso da heteronímia. Algo que sempre me impressiona quando ensino a poesia de Drummond é a adesão dos alunos ao

sentimento melancólico expresso em seus poemas. Professor, devagar com a aula de hoje, estamos muito drummondianos. Ou seja, estavam saturados do mundo, entristecidos com o rumo das coisas, oprimidos pelos fatos da política, da vida bruta que a todos aniquila. Por fim, as aulas eram preparadas no diálogo com a crítica acadêmica, tais como Antonio Candido, Alfredo Bosi, Benedito Nunes, Affonso de Romano Sant’Anna, José Guilherme Merquior, Silviano Santiago, entre outros.

25. Aeroplanos da Birmânia

A partir da primeira oferta da disciplina sobre Drummond, passei a utilizar, de forma mais intensa e sistemática, uma ferramenta virtual para a distribuição dos textos trabalhados em sala de aula, divulgação dos planos de aula, sugestão de leituras suplementares. Trata-se do blog institucional “Aeroplanos da Birmânia” (<https://wp.ufpel.edu.br/aulusmm/>). Gosto bastante desse procedimento. A principal vantagem é que os poemas trabalhados em sala de aula estão sempre à mão, à disposição dos alunos, sem a necessidade das ultrapassadas e antiecológicas fotocópias. Percebi, em contrapartida, um crescente interesse dos alunos em adquirir (no caso de Drummond) a obra impressa que serve de referência bibliográfica às minhas aulas. Neste momento em que escrevo, o blog já teve 39.128 visualizações, 23.634 visitantes, de diversos países, tais como, além do Brasil, em ordem decrescente de acessos, Estados Unidos, Portugal, Canadá, Argentina, Alemanha, França, Itália e Espanha. E ainda Polônia, Vietnã, Montenegro, Malásia... À guisa de curiosidade, os textos postados mais lidos são os poemas “Mãos dadas”, “Especulações em torno da palavra homem”, de Carlos Drummond, e “Consoada”, de Manuel Bandeira.

26. Os óculos do Rosa

Falando das aulas na graduação, me lembrei da primeira vez que fui paraninfo de uma turma de formandos, em 2003. Em meu discurso, mencionei a história de Miguilim, do conto “Campo Geral”, de João Guimarães Rosa, um menino que vivia com sua família num lugar perdido no meio do sertão, denominado Mutum. Miguilim era míope, e achava o Mutum feio e sem graça. Um dia, passou pela localidade um viajante, que logo reparou no jeito de Miguilim olhar, com os olhos apertados. Ao constatar que o menino tinha a vista curta, o viajante ofereceu-lhe seus próprios óculos. Ao colocá-los, Miguilim não podia acreditar no que via. O mundo apresentava-se mais claro. Tudo era novo, diferente e belo. As coisas, as árvores, os pássaros, as pessoas, tudo tinha uma nova forma, um novo colorido. O menino percebia em cada coisa conhecida um detalhe surpreendente. Miguilim, tonto de tanta novidade, descobriu então que o Mutum era um lugar bonito, muito bonito. Propus, então, que se tomasse a história de Miguilim como metáfora para a profissão de professor. Um viajante está apenas de passagem pelos lugares que visita, hoje aqui, amanhã lá, às vezes apressado demais para observar a paisagem. O professor é como um viajante. Está apenas de passagem por uma escola e pela vida de seus alunos. Entretanto, é como o viajante do conto de Guimarães Rosa, que, num gesto aparentemente banal, mudou para sempre a vida e o mundo de Miguilim. Prosseguindo na analogia com o texto de Guimarães Rosa, afirmei que a função do professor consiste em oferecer óculos. Não que os alunos tenham, literalmente, a vista curta. Mas há uma determinada beleza somente percebida através dos óculos de que vinha falando. Óculos para ver a beleza da língua materna, nosso patrimônio comum mais valioso, pois quem a vê apenas como um conjunto de regras gramaticais frias e ásperas é um pouco míope para a beleza do mundo. Óculos para perceber a beleza de uma língua estrangeira, mediante a qual se viaja a outros mundos, chega-se a outra gente, pois quem é insensível ao outro e à diferença tem a vista um pouco curta. Óculos para se entusiasmar com a beleza de um poema, conto ou romance, onde um escritor deixou a marca de sua inteligência e sensibilidade, pois para quem não sabe ler

o que as gerações passadas escreveram e o que a geração presente escreve, o mundo, de fato, é um lugar feio e sem graça, sem forma, sem cor. Finalizei o discurso agradecendo a homenagem que tinham prestado ao meu nome e, provavelmente, a meus óculos.

27. Novos horizontes

A 122ª Reunião do Conselho Técnico-Científico da Educação Superior (CTC-ES), em outubro de 2010, autorizava a criação do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado, da UFPel, cujas atividades iniciaram-se em março de 2011. Com isso, abriam-se novos horizontes e novas perspectivas no ensino e na pesquisa. Professor do quadro permanente desde a instalação do PPG, já orientei 11 dissertações defendidas. As pesquisas dos então mestrandos refletem um pouco meu percurso na pesquisa, sobre o qual falarei um pouco adiante. No momento, gostaria de tecer breves comentários sobre as disciplinas ministradas no âmbito do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu*. Na verdade, sobre duas das seis ministradas até o momento.

28. Je suis un autre

O conteúdo programático da disciplina “Literaturas e Memórias” era, como sempre, um pouco ambicioso: “Literatura, representações do eu e experiência histórica. A questão do autor, autoria, sujeito, subjetividade. A escrita de si. A autobiografia. A autoficção”. Roland Barthes e a morte do autor. Phillipe Lejeune e o pacto autobiográfico. Pierre Bourdieu e a ilusão biográfica. Os franceses da autoficção: Collona, Lecarme, Doubrovsky, e por aí vai. Isso sem falar nos textos literários propostos para os seminários: *O irmão alemão*, de Chico Buarque; *Nove noites*, de Bernardo Carvalho; *Sobrevivente André du Rap (do Massacre do Carandiru)*, de André du Rap; *Memórias de um sobrevivente*, de Luiz Alberto Mendes; *O falso mentiroso*, de Silviano Santiago; *Berkeley em Bellagio*, de João

Gilberto Noll; *O filho eterno*, de Cristovão Tezza. “Pô, nenhuma mulher na lista”, uma aluna acertadamente reivindicou. Depois dessa, é melhor partir para outra.

29. A outra

A outra foi “Teoria e Crítica da Poesia”. No item “Conteúdo Programático” do Plano de Curso, podia-se ler: “Estudo da poesia brasileira contemporânea, considerando os seguintes eixos teórico-críticos: **UNIDADE I:** Poesia e crise: o discurso da “crise da poesia” como topos da crítica e do poema moderno; **UNIDADE II:** Poéticas do anacronismo: poéticas contemporâneas que se consolidam no diálogo com poéticas anacrônicas, configurando relações intertextuais que permitem reconsiderar conceitos e noções tais como “continuidade”, “ruptura” e “tradição”; **UNIDADE III:** Textualidades contemporâneas: as relações da poesia com outros discursos e códigos estéticos, sobretudo a imagem e, em especial, a fotografia.” Aparentemente, sempre o pecado do excesso. Já em relação às obras literárias, fui mais comedido e equilibrado: dois livros do Carlito Azevedo (*Sublunar* e *Monodrama*) e dois livros da Ana Martins Marques (*A arte das armadilhas* e *O livro das semelhanças*). A disciplina meio que capengou por conta de uma longa greve. Mas ao final, creio que todos saímos felizes: eu e mais três alunos – e um quatro que aparecia lá de vez em quando.

30. Um claro movimento dispersivo

Dos projetos desenvolvidos na UFPel, gostaria de listar (e tecer breves comentários sobre cada um deles) os seis últimos: “Utopias, ruínas, hipóteses de Nação: a literatura africana de língua portuguesa e o pós-colonialismo” (2007-2010), “Testemunho, violência, trauma, catástrofe e guerra nas literaturas de língua portuguesa” (2009-2012), “Literatura de cárcere: o testemunho histórico-político e a escrita de si” (2011-2013), “Literatura e experiência histórica” (2013-

2017), “Poesia e a experiência contemporânea” (2016-2018) e “O olhar de Medusa: fotografia e poesia brasileira moderna e contemporânea” (2017-2019). É em torno desses projetos que tenho orientado alunos no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPel, e produzido alguns artigos e ensaios. Desse percurso, percebe-se um claro movimento dispersivo, mudanças de rumos quanto aos referenciais teóricos e corpus de investigação. Ultimamente, tenho retomado meu interesse original pelo estudo da poesia. Mas, antes desse retorno, dediquei-me algum tempo à literatura africana de língua portuguesa, à literatura periférica e às escritas de si, ao diálogo da literatura com a história.

31. Um grande balaio de gatos

Um grande balaio de gatos, mas com um (assim espero) claro fio condutor: a literatura pensada em suas complexas relações com a história. Parte dessa reflexão, concretizada pela publicação de artigos e orientação de dissertações de mestrado, foi dedicada ao estudo das literaturas africanas, mas não apenas. O que me interessava era o texto literário como um lugar privilegiado para se pensarem os impasses históricos e políticos nos mais diversos contextos, como a África pós-colonial e os presídios brasileiros, ou, mais precisamente, como esses impasses históricos e políticos articulavam-se, literariamente, em um texto que não pertence ao campo da historiografia ou da ciência política. Não precisaríamos de mais do que dois exemplos, materializados em artigos e ensaios, para ilustrar esse amplo arco de reflexão.

32. Literatura e guerrilha

Em “Literatura em armas: guerrilha, violência e revolução em *Mayombe*”, propus uma leitura para o romance do angolano Pepetela. Nesse artigo, analisei a pertinência das ideias de Frantz Fanon, defendidas em *Os condenados da terra* (1961), na leitura de *Mayombe* (escritos no início dos anos 70, nas

trincheiras da guerra contra o colonizador, e publicado apenas em 1980), indagando de que forma a posição ideológica do romancista, bem como a violência histórica, na confluência da guerrilha e revolução colonial, se relacionam com a construção do texto literário. Apresentei a hipótese de uma convergência de Fanon na percepção de Pepetela a respeito da guerrilha, da violência e da revolução, temas que recebem, por assim dizer, uma solução literária e permitem considerar no romance de Pepetela uma determinada “estética da violência” ou “estética da guerrilha”.

33. Uma voz dos cárceres

Já em “O corpo e a voz da prisão: testemunho e experiência na literatura de cárcere”, partia de uma questão diferente, mas de algum modo confluyente. Considerando um pequeno e significativo corpus de relatos em torno do episódio do Massacre do Carandiru, de imensa repercussão midiática, procurei refletir sobre o “gênero literatura de cárcere”. Pelas categorias de testemunho (Agamben, Selligmann-Silva) e experiência (Benjamin), investiguei uma possível virada de paradigma na recente literatura brasileira produzida por prisioneiros ou ex-prisioneiros, procurando refletir sobre as condições teóricas, discursivas e históricas em torno desses escritos, cuja característica mais marcante é a presença de um sujeito enunciador entendido como “preso comum”, em oposição ao “preso político”, figura central da literatura de cárcere oriunda de contextos políticos de exceção. De fato, obras como *Memórias de um sobrevivente* (2001), de Luiz Alberto Mendes, *Diário de um detento: o livro* (2001), de Jocenir, ou ainda, *Sobrevivente André du Rap (do Massacre do Carandiru)* (2002), depoimento de André du Rap ao jornalista Bruno Zeni, entre outros exemplos, atestariam a aparição dessa nova literatura de cárcere.

34. Outro grande balaio de gatos, mas desta vez um pouco menor

O outro fio condutor de minhas pesquisas é o texto lírico. Dois projetos marcam meu retorno ao estudo da poesia, conforme listado acima, muito embora já em um projeto anterior (“Literatura e experiência histórica”) tenha realizado um movimento na direção. Agora, além de manter a preocupação epistemológica de pensar a literatura em relação aos contextos sociais, políticos e históricos, acrescento um enfoque mais voltado para a relação da poesia com outras linguagens, notadamente a fotografia. Ainda estou no começo dessa retomada da poesia, tanto que orientei, até o momento, apenas duas dissertações de mestrado. De qualquer forma, é um chão em que me movimento mais à vontade. Nessa nova safra, tenho publicados sete artigos (além de outros dois, em coautoria com uma orientanda), entre os quais comento rapidamente dois.

35. Os vermes e o jardim

Em “O verme e o jardim: poesia e fotografia em Carlos Drummond de Andrade e Adélia Prado”, analiso a relação que se estabelece entre o texto poético e o texto fotográfico em “Os mortos de sobrecasaca”, de Carlos Drummond de Andrade, e “Fotografia” de Adélia Prado. Com apoio nas reflexões de Benjamin (“Pequena história da fotografia”), Barthes (*A câmara clara*) e Agamben (“O Dia do Juízo”), argumento que a fotografia, apesar de ausente, pois não integra o espaço gráfico ou editorial da publicação do poema, é textualizada pelo eu lírico de modo a propor um diálogo entre literatura e fotografia. Esse diálogo se fundamenta pela apropriação, nos poemas, tanto de recursos e elementos do ato fotográfico quanto da experiência ótica do espectador diante da imagem. Dessa maneira, discuto o modo como os poemas integram uma certa experiência do olhar. Fazendo atuar aquilo denominado por Benjamin de “inconsciente ótico”, o eu lírico de cada poema, a seu modo, trabalha a dialética entre o conteúdo manifesto e o conteúdo latente da fotografia. Ao incorporar, pois, em sua tessitura a imagem fotográfica, os poemas

analisados perscrutam, por meio da palavra poética, aquilo que escapa ao olhar concentrado apenas nos aspectos mais visíveis da foto, para escavar as camadas mais profundas da imagem, revelando e iluminando zonas, antes obscuras, ao evidenciar o detalhe redentor.

36. O silêncio que nos ronda

Em outro artigo, “O silêncio que nos ronda: poesia e política em dois poemas de Ricardo Aleixo”, investigo a articulação entre poesia e política, considerando a reflexão proposta por Jacques Rancière sob a noção de “partilha do sensível” (*A partilha do sensível* e *O desentendimento*), nos poemas “Rondó da ronda noturna” e “Voz”. Após apresentar uma breve discussão acerca do conceito de Rancière, proponho uma análise para os poemas de Aleixo, procurando destacar o modo como esses textos, mobilizando procedimentos estéticos diversos (apelo ao visual, à fotografia, pirogravura, por exemplo), trabalham uma redistribuição da partilha do sensível, que pode ser entendida como o entrelaçamento de gestos estéticos e políticos. É nesse limiar, estético e político simultaneamente, que novos sujeitos, identidades e objetos são inscritos na ordem do comum. Ver aqueles que são jogados no fosso da invisibilidade, escutar as palavras daqueles cujas vozes não são ouvidas: percepções do político atravessadas pelas experiências do poético.

37. Nas engrenagens da máquina burocrática

Gosto de dizer aos meus alunos que, ao ingressar como professor na UFPel, pensava em me dedicar integralmente às atividades docentes e não sabia que uma parcela significativa de minha carga horária seria atribuída às tarefas administrativas — a rotina dos ofícios, reuniões, comissões, chefias e coordenadorias. Costumo conferir a essa declaração um tom de queixa, ou melhor, faço soar quase como um pedido de desculpas, uma justificativa por não

me dedicar por inteiro às aulas e orientações. De fato, as tarefas da burocracia institucional e atividades administrativas consomem muito tempo e muito mais energia ainda. O melhor é sempre estar em sala de aula, com os alunos, preparando as aulas, escrevendo, pesquisando, lendo os trabalhos dos orientandos. Mas nem sempre é possível se esquivar dos cargos administrativos. O uso do verbo “esquivar-se” indica a percepção que tenho a respeito dessas atribuições. Jamais me livrarei da culpa por faltar uma aula para participar de uma reunião administrativa, jamais me perdoarei por não dar uma boa aula porque os compromissos burocráticos consumiam todo o meu tempo, os finais de semana, os feriados. Contudo, elas fazem parte da vida acadêmica dos professores universitários. No meu caso, insisto que gastei tempo e energia demais nesses cargos administrativos, mas também aprendi muita coisa interessante. Uma delas é conhecer melhor o funcionamento da instituição, seus regimentos, a legislação definidora do que somos e como devemos agir profissionalmente na esfera da educação superior pública. A outra é que podemos, de alguma maneira, idealmente, colaborar para o bom funcionamento da coisa pública. Um consolo, ao menos. A seguir, breves comentários sobre algumas dessas atividades e cargos administrativos.

38. Preenchendo formulários e planilhas

Uma das atividades de minha vida acadêmica foi a de avaliador de Cursos de Letras do MEC. Ao total, cinco avaliações, além de dois seminários de treinamento, entre 2006 e 2011. Foi o período em que o MEC passou a avaliar, de forma sistemática e intensa, os cursos superiores da rede particular. Nessa função, conheci alguns cursos de Letras com realidades bem diversa. Encontrei professores não só sem nenhum preparo, como também professores competentes, esmagados pelo sistema da “empresa” em que trabalhavam — nítidas máquinas de ganhar dinheiro. Participei mais ativamente dessas avaliações do MEC na ocasião em que era Coordenador dos Cursos de Licenciatura em Letras, com o propósito de melhor conhecer os cursos de Letras

Brasil afora, a fim de perceber o que tínhamos de bom e o que poderíamos mudar, com base na experiência de outros lugares. Analisávamos (eu e meu colega da Comissão Avaliadora) o Projeto Pedagógico do Curso, o Projeto de Desenvolvimento Institucional, o quadro docente e, basicamente, preenchíamos formulários e planilhas. Uma história, emblemática dessa experiência, merece registro. Fui escalado para realizar uma avaliação de credenciamento de um Curso de Letras em uma “Faculdade”, no interior do País. Cheguei à cidade na semana em que Dilma Rousseff tinha sido eleita Presidente da República. Fui recepcionado pela “gestora”, que estava evidentemente contrariada com o resultado das eleições (usava uma camiseta da campanha de José Serra, um tucano cravejado de lantejoulas áureo-cerúleas). Queixou-se: “Eles estão destruindo as universidades”. Polidamente, argumentei que a promessa da Presidenta eleita era a de manter o FIES. A gestora (e alarmada proprietária do educandário) retrucou: “Mas só ganhamos dinheiro se tivermos alunos!”. Mais tarde, ao longo da avaliação, descobri o verdadeiro motivo do descontentamento: estava furiosa com o ex-marido que, na partilha de bens do divórcio, ficara com uma fazenda e a deixara com uma Faculdade falida. Relato de uma situação extrema, por certo, mas que, guardadas as devidas proporções, explica o que se compreende por educação em alguns setores da sociedade. Claro que, em pelo menos uma oportunidade, fiquei positivamente impressionado com o profissionalismo e competência de instituições privadas. É o caso da PUC-SP. Por conta de uma reestruturação do Curso de Letras, em face do-número cada vez menor de alunos, teve de passar por um processo de credenciamento. Trata-se, com certeza, de uma instituição privada, com prioridade no lucro, mas sempre foi uma forma de alento encontrar nessas instituições gestores, e sobretudo professores, com compromissos bem superiores aos números de uma planilha financeira.

39. Uma polêmica transição

De setembro de 2007 a janeiro de 2010, fui o Coordenador dos Cursos de Licenciatura em Letras. Atualmente, cada um dos cursos em Letras possui seu colegiado. À época, todos os cursos de licenciatura estavam concentrados em um único colegiado. Além dos cinco hoje existentes (Português/Francês, Português/Inglês, Português/Espanhol, Português/Alemão e Português), ainda havia um sexto curso em andamento, mas sem oferta de turmas novas (habilitação simples em inglês). O quadro era mais ou menos o seguinte: disciplinas sem professor, sobretudo no curso debutante de alemão, em que os alunos ficaram todo o primeiro semestre sem aula da língua estrangeira, falta de sala (tínhamos aulas em três prédios), conflitos com colegas por conta da distribuição das turmas e dos horários, alunos querendo a cabeça do Coordenador. Contudo, o maior problema encontrava-se no Projeto Pedagógico do curso, ou mais especialmente, nos fluxogramas de integralização de créditos em disciplinas e carga horária total. Devido a sucessivas reformas, mais ou menos abrangentes, da simples troca da oferta de semestre de uma disciplina até a alteração da carga horária dos estágios, por exemplo, ninguém sabia exatamente quais disciplinas deveria cursar, tampouco a carga horária a ser cumprida. Apenas para ilustrar a questão, cada um dos cursos (exceto o novato alemão) tinha mais de uma grade curricular, dependendo do ano de ingresso do discente. Um caos. Resumo da ópera: propus um polêmico projeto de transição para unificar os currículos de cada curso, de modo que, ao final de 2010, cada curso tivesse apenas uma grade curricular, além de declarar, oficialmente, extinta a habilitação simples em inglês. Não foi nada simples, mas acho que deu certo.

40. Com as máquinas emperradas

No início de 2015, fui convidado pelo professor Mauro Del Pino, então Reitor da UFPel, a ocupar o cargo de Diretor da Gráfica, Editora e Livraria da

Universidade. Pensei que não poderia haver, na esfera administrativa, melhor cargo. Não apenas ler livros, não apenas utilizá-los como ferramenta de trabalho, mas também produzi-los. Era tentador. Não desejo me estender nas inúmeras dificuldades com que me deparei, desde problemas técnicos (as impressoras passavam a maior parte do tempo inoperantes, e chamar a manutenção demandava procedimentos burocráticos mais ou menos complicados), legais (a legislação impõe uma série de restrições à comercialização de bens na esfera pública, o que dificultava bastante o funcionamento da livraria), logísticos (a distribuição dos livros dependia do recolhimento de imposto e havia um impedimento administrativo em relação a isso) etc etc. A única saída que vislumbrei foi implementar a publicação de livros digitais. Dificuldades de várias ordens, nada parecia ser possível, tudo emperrava, não obstante todo o empenho da Reitoria. De qualquer forma, encurtando a história, lancei um edital para a publicação de teses e dissertações defendidas no âmbito da UFPel, seja pelos discentes de seus Programas de Pós-Graduação, seja por docentes da UFPel, cujas dissertações ou teses foram defendidas em PPGs de outras instituições. O Conselho Editorial selecionou 23 títulos. Em meados de 2016, pedi exoneração do cargo, por questões eminentemente pessoais e familiares, sem ver a concretização desse projeto. Mas a semente tinha sido lançada, e os títulos começaram a ser publicados posteriormente.

41. Uma polêmica migração

Brás Cubas inventava mil teorias malucas para explicar seu método narrativo ou justificar suas conclusões sobre a vida e todas as coisas. Invento também eu uma agora, segundo a qual a brevidade é a melhor das virtudes, sobretudo quando se tem pela frente uma história que poderia se estender por páginas e páginas. No início de 2017, assumi a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras, com a firme convicção de que a avaliação da CAPES elevaria nosso PPG à nota 4. Isso, infelizmente, não aconteceu. Mas aconteceu um fato inédito. Inédito mesmo: por iniciativa dos gestores da UFPel (Reitoria e

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação), juntamente com os gestores da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), propôs-se à CAPES a migração do Programa de Pós-Graduação em Letras da UCPel para o âmbito administrativo da UFPel — um Programa em Linguística com nota 5 e, doutorado. Foi um ano inteiro de muita expectativa e incerteza. Diante do ineditismo da situação, ninguém sabia muito bem o que aconteceria. Do ponto de vista da rotina administrativa da Coordenação do Colegiado do PPG, fiquei um pouco anestesiado, pois, como disse, o clima era de incerteza, o compasso era de espera. O nosso Projeto Pedagógico seria mantido? Deveríamos manter, sem modificações, o Projeto Pedagógico da UCPel? Como ficaria a situação da literatura? No exato dia em que me exonerava do cargo, veio a resposta da CAPES: a migração estava aprovada e nosso PPG nota 3 passava a ser um PPG nota 5, com doutorado e tudo. Espero que a brevidade do relato não seja entendida como escapismo ou leviandade de minha parte. Na maioria das vezes, é melhor apreciar o ponto de chegada do que ficar lamentando os percalços do caminho — outra teoria bem original, à la Brás Cubas, que acaba de me ocorrer.

42. Um bem-vindo estágio

No presente momento, encontro-me afastado para a realização de um estágio pós-doutoral na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a supervisão da professora Rita Lenira Bittencourt, com um projeto sobre as relações intertextuais da poesia com a fotografia. Enquanto escrevo este Memorial, penso nos ensaios a caminho: o uso cultural da fotografia enquanto conhecimento do mundo em *A rosa do povo*, de Drummond; poesia e fotografia nas fotobiografias de Ana Cristina Cesar e Drummond. Agradeço à Rita Lenira, por acolher meu projeto e, sobretudo, respeitar meu ritmo de pesquisa e o meu modo de ser meio antissocial.

43. Quase no final

Antes de começar a escrever este memorial, li vários memoriais defendidos nas mais variadas universidades do País. De um modo geral, o autor dedicava algumas linhas para revelar seus planos futuros. Um modo interessante de dizer que a vida acadêmica não se encerrava ali, com o memorial e a promoção na carreira. Já adiantei, acima, um desses planos. Além de finalizar meu pós-doutorado, com artigos e ensaios sobre o projeto proposto, desejo ainda dar continuidade ao estudo da poesia de Drummond. Já tenho até o título do projeto de pesquisa: “Drummond e o sentimento trágico da família”. Como vários críticos já observaram, a família é um aspecto problemático da poética drummondiana, um tema recorrente e obsessivo. Sem saber muito bem aonde isso vai dar, penso em analisar o corpus dos poemas memorialísticos de Drummond que apontam para a cena familiar, sobretudo a matriz patriarcal contra que a poesia drummondiana constantemente se insurge. O título do projeto me levará, com toda a certeza, a pesquisar as relações consanguíneas fundamentadas na tragédia grega, propiciando, desse modo, um sentimento trágico que se estabelece nos vínculos familiares. Ideias vindouras. Antes, todavia, é preciso finalizar este Memorial, que está quase, quase no fim.

44. O senão do memorial

Já pelo fim da tarefa, começo a me arrepender do memorial. O senão não és tu, querido leitor, muito menos tu, querida leitora, Deus nos livre e guarde! O senão deste memorial é o próprio memorial. Explico: o senão do memorial é que... é que... parece-me que o memorial não é bem um memorial. Não, nada disso, estou redondamente enganado. O senão do memorial não é ninguém mais, ninguém menos do que o próprio memorialista, o inapto memorialista, que escreveu suas mal cosidas memórias sem a pena da galhofa, sim, mas certamente com a tinta da melancolia; que deixou a maior parte de fora e não contabilizou os fatos e eventos de sua vida acadêmica; que rejeitou a listagem

das atividades relevantes a favor de uma narrativa muito da suspeita; que saturou a paciência do leitor com detalhes insignificantes; que pouco ou nada descreveu, quantificou, analisou e qualificou os acontecimentos, marcos e fatos de sua trajetória acadêmica; que utilizou como modelo narrativo uma obra que não tem absolutamente nada a ver com um Memorial Acadêmico; que dedicou linhas e linhas relembrando um discurso de uma solenidade de formatura em detrimento de uma análise mais acurada de importantes episódios da esfera administrativa; que citou Proust porque simplesmente achava que Proust cabia; que encheu de retórica vazia as lacunas da memória; que não documentou os fatos narrados e que, por fim, e mais grave sobre tudo, ainda por cima chamou uma banca, como quem diz meio mal educadamente “leiam isso e me promovam a Professor Titular!”. Francamente, inapto e grosseiro memorialista, não há outra saída senão arrepender-se logo do memorial. Arrepender-se e terminar logo com isso.

45. O último capítulo

Finalizar é tão difícil quanto começar. Talvez bem mais difícil o ponto final do que a primeira palavra. Consumi muitas páginas começando este Memorial, um pouco à maneira ziguezagueante do Brás Cubas. Como se sabe, o célebre defunto autor arremata suas memórias declarando que não teve filhos e que não transmitiu a nenhuma criatura o legado da nossa miséria. Para me despedir, não farei uso de tantos floreios, e tampouco subscreverei meu modelo de narrador: tenho um filho e inúmeros alunos, aos quais me esforço para transmitir um legado bem mais otimista.

Pelotas, 24 de outubro de 2018 – 05 de novembro de 2018.